

Amc

## A ELEIÇÃO EM DOIS TURNOS PARA A PREFEITURA DO RIO

# Ou juntos, ou perdemos todos

O GLOBO

17 MAR 1988

MILTON TEMER

Amc P-4

**U**ma das questões já definidas pela Constituinte é a que determina o critério da eleição em dois turnos para a escolha do Prefeito das cidades com mais de 200 mil habitantes. Que opção política se coloca, então, para as forças democráticas e progressistas do Rio de Janeiro neste próximo pleito?

Parte-se do princípio de que as forças conservadoras já têm um nome importante para a defesa dos seus tradicionais 30% dos votos na cidade — Álvaro Valle — e o populismo também tem o seu — Marcello Alencar, ao que tudo indica — para a defesa de outros 30% que lhe cabem na divisão dos votos totais. Está aí a polarização a ser quebrada, por conta dos 40% restantes, que normalmente se dividem entre os candidatos progressistas e os verdadeiros liberais.

Ou seja: é sobre o que querem des- ses 40% que progressistas e liberais democratas terão que discutir. É claro — só como parênteses, para enriquecer o debate — que sempre haverá um formulador respeitável para afirmar que Álvaro Valle pode ser a repetição do fenômeno Sandra, em 1982: começa no topo das pesquisas e termina disputando os últimos lugares. Não creio; os fenômenos não se reprodu-

zem de forma igual em tempos diferentes, até porque a preparação das duas candidaturas tem histórias completamente distintas. E além do mais, outro pensador arguto poderá dizer que ao fenômeno Sandra-82 para baixo, sempre corresponde um Moreira-82, então no PDS, para cima.

Especulações à parte, o que interessa às forças democráticas é escolher seus caminhos, a despeito dos movimentos de populistas e conservadores.

E como isto sé daria?

Antes de tudo, determinando-se internamente, em suas legendas, se o que almejam é participar realmente de um projeto de poder, ou se apenas pretendem trabalhar para a formação de algumas pequenas bancadas de vereadores, através da apresentação, e manutenção até a eleição, de candidaturas majoritárias individuais. Aí está o verdadeiro dilema.

Se tivéssemos garantias de que, assim agindo, não deixaríamos, no segundo turno, os eleitores que se distribuírem entre o PSB, o PT-PV, os PCs, os "históricos" do PMDB sem opção de voto no turno decisivo, tudo bem. Mas não é o caso. Para a maioria da população, populismo não é a alternativa justa ao conservadorismo, e nem conservadorismo é alternativa ao populismo.

Somos obrigados a concluir, então, que a eleição em dois turnos pode, no Rio de Janeiro, transformar-se em armadilha ao invés de ser a forma correta da busca da legitimidade na conquista do Poder Executivo.

Está bem... apresentem-se todos os partidos com seus nomes possíveis — o PSB, inclusive, já indicou o Vice Jó Resende para dar continuidade ao trabalho de Saturnino — mas vamos nos acertar em torno do que tiver maior potencial eleitoral previsível, e que for aceito pelo conjunto. Sem imposições, mas com a lucidez da necessidade de concessões em torno de um fundamental programa comum de governo.

Vamos entender que, juntos, temos tudo para ganhar — para benefício não só da população carioca, mas também da luta pela consolidação e avanço da construção de uma sociedade mais justa e democrática, no plano nacional.

Separados, seremos responsáveis por esta falsa dicotomia que hoje se impõe, perversamente, entre um candidato conservador e um candidato populista. Pode ser mais desestimulante?

Milton Temer é Deputado estadual pelo PSB.